

O CATOLICISMO POPULAR E OS PARADIGMAS SOCIAIS NO CONTO “O NEGRINHO ESCRAVO” (2004), DE MESTRE DIDI

Sílvia Nascimento dos Santos (UNEB)

silvynhasantos2017@gmail.com

Filismina Fernandes Saraiva (UNEB)

ffsaraiva@uneb.br

RESUMO

O presente estudo é fruto do subprojeto de iniciação científica “Mestre Didi: identidade afro-brasileira em “Contos Crioulos da Bahia” (2004)”, que constitui o projeto de pesquisa “Mestre Didi: literatura e afro-baianidades” orientado pela professora Filismina Fernandes Saraiva. Por meio da análise do conto “O negrinho escravo” que compõe a obra “Contos Crioulos da Bahia” (2004) de Mestre Didi, objetiva-se discutir os seguintes elementos encontrados no conto: o catolicismo popular, os paradigmas sociais relacionados ao poder entre o colonizador e os escravizados, bem como, a grande importância deste conto como manifestação simbólica e identitária negra. Para isso, será feita uma abordagem qualitativa e quanto aos procedimentos serão aplicados os da pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave:

Identidade. Catolicismo popular. Mestre Didi.

ABSTRACT

This study is the result of the scientific initiation subproject “Master Didi: Afro-Brazilian identity in “Short Story Crioulos” from Bahia (2004)” which constitutes the research project “Master Didi: literature and Afro-Bahianities” supervised by professor Filismina Fernandes Saraiva. Through the analysis of the short story “The little slave black boy” that composes the work “Crioulos’ short stories from Bahia” (2004) by Master Didi, the objective is to discuss the following elements found in the short story: popular Catholicism, social paradigms related to power between the colonizer and the enslaved people, as well as the great importance of this tale as a symbolic manifestation and black identity. So, a qualitative approach will be made and regarded to the procedures, it will be applied a bibliographic research

Keywords:

Identity. Master Didi. Popular Catholicism.

1. Introdução

O presente trabalho é fruto do subprojeto de pesquisa intitulado, “Mestre Didi: identidade afro-brasileira em “Contos Crioulos da Bahia” (2004)”, o mesmo é pertencente ao projeto “Mestre Didi: literatura e afro-baianidades”, orientado pela professora Filismina Fernandes Saraiva.

Para o desenvolvimento deste artigo foi utilizado uma abordagem científico-metodológica qualitativa e quanto aos procedimentos foram utilizados os da pesquisa bibliográfica.

Mestre Didi em suas obras buscou abordar a grande importância da identidade e cultura afro-brasileira como também os grandes desafios deste povo que é sinônimo de resistência. Neste artigo será analisado o conto “O neguinho escravo (2004)”, pertencente à obra “Contos crioulos da Bahia” (2004)”, para tal, dividiu-se o texto em dois tópicos, o primeiro refere-se ao catolicismo popular e o segundo versará sobre questões relativas à escravidão temas presentes no conto, mostra-se o grande papel da literatura na desconstrução de ideologias e paradigmas decorrentes da colonização, bem como seu papel na afirmação da identidade afro-brasileira.

2. *O catolicismo popular*

Designado como uma variação do catolicismo tradicional, o catolicismo popular surgiu com as novas formas de recepção dos ideais cristãos de pessoas de etnias distintas, africanas, indígenas, europeias além de mestiços distanciados das instituições oficiais católicas, conforme nos diz Freitas (2005):

No cotidiano da colonização, uma ideia fechada de catolicismo veio se fundindo a novas formas de recepção dos ideais cristãos representadas por índios, africanos, colonos europeus e mestiços, todos distanciados do controle das instituições católicas metropolitanas. O conjunto destas contribuições forma o que hoje chamamos de catolicismo popular. (FREITAS, 2005, p. 7)

Uma marcação importante é o fato de estas manifestações acontecerem de forma distanciada das instituições, ou seja, do oficialato da Igreja Católica, assim pode-se compreender que essas manifestações católicas populares sejam consideradas pela igreja como não oficiais, mas é justamente aí que a cultura se renova e se torna múltipla.

Segundo Cavalcante (2019), o catolicismo popular é uma devoção aos santos, às romarias, as novenas, as procissões, as bênçãos, a festa de padroeiro, as promessas, algo bastante corriqueiro no Brasil, que ocorre no campo e na cidade, mas principalmente em cidades interioranas e suas localidades. As autoras deste texto residem em Seabra, cidade interiorana da Chapada Diamantina, no interior da Bahia e testemunham a presença

do catolicismo popular através das festas de santos padroeiros, novenas e procissões.

Levando em consideração que essa manifestação religiosa é presente em todo o Brasil, ela está presente também na capital do estado da Bahia, *locus* onde viveu Mestre Didi, e embora fosse ligado aos cultos mais tradicionais da cultura afro-brasileira baiana, como o Candomblé de Egum e o Candomblé de Orixás, algumas de suas narrativas mostram que ele também fora afetado por esta pluralidade de culturas presentes em nosso país.

Neste sentido, o conto “O negrinho escravo” (2004), de Mestre Didi, é uma variação do conto da sabedoria popular o “Negrinho do pastoreio”, uma história passada de geração em geração, com diferentes versões a depender da região. Segundo o site “escola e educação” o primeiro registro dessa história está no século XIX durante a escravidão no Rio Grande do Sul, eternizada pela versão de João Simões de Lopes Neto, presente no seu livro *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* (1965), sendo importante para estudos antropológicos, folclóricos e históricos.

A versão de João Simões de Lopes Neto fala de um estancieiro muito egoísta, tão ruim que não emprestava nada a ninguém, não deixava ninguém beber da sua água e nem descansar na sombra de suas árvores. Lá havia um neguinho que como ninguém lhe deu nome e nem era seu padrinho ele dizia que era afilhado da Virgem Nossa Senhora, ele sofria muito com os maus tratos do filho do fazendeiro.

Recebendo o desafio de apostar mil moedas de outro em uma corrida de cavalo, sabendo que o negrinho era muito bom em montaria atribuiu a ela a missão de ganhar a corrida, não sendo bem-sucedida o fazendeiro pediu para amarrar o negrinho no tronco castigá-lo, logo após o estancieiro responsabilizou ao negrinho de pastorear trinta cavalos, por trinta dias. Cansado e sentindo dores o negrinho sentiu dificuldade e os cavalos sumiram diversas vezes, a última ocorreu, pois, o filho do fazendeiro enxotou os cavalos. Desta forma, o negrinho sofreu um castigo extremamente violento, depois de apanhar no tronco, o fazendeiro jogou o negrinho em um formigueiro.

Porém, três dias e três noites tendo terríveis pesadelos o fazendeiro vai ao formigueiro ver o resto do corpo de negrinho e se desespera ao ver o negrinho em perfeito estado, com trinta cavalos e com sua madrinha o protegendo. Desde então, nasce o negrinho do Pastoreio e a crença que o mesmo tem poderes em recuperar objetivos perdidos.

O conto “O negrinho escravo (2004)”, de Mestre Didi, tem algumas variações na forma de narrar, como outras versões também poderão ter em virtude das adaptações de cada lugar ou região, a versão do conto de Mestre Didi diz o seguinte:

Um pobre e pequeno negrinho era escravo de um rico e avaro fazendeiro. Este fazendeiro tinha um filho que era tão malvado quanto ele, porque maltratavam muito o negrinho; davam trabalhos que só um homem podia fazer e deixavam o pobre negrinho com fome, martirizando-o bastante. Um dia encarregaram o negrinho de vaquejar umas novilhas. O negrinho, cansado de tanto trabalhar, adormeceu no campo enquanto as novilhas pastavam. Os ladrões aproveitaram, fazendo estourar a boiada, e o pequeno vaqueiro se perdeu do gado. Por isso ele foi pisado e espancado pelo fazendeiro, e mandado a procurar o perdido. Sua madrinha Nossa Senhora foi quem lhe valeu, restituindo-lhe todo o gado. Mas o filho do fazendeiro, perverso, enxotou de novo as novilhas para bem longe, e o negrinho perdeu novamente o guardado. O fazendeiro, quando procurou saber do negrinho pelas novilhas, ele disse que não sabia onde estavam. O fazendeiro, louco de raiva, retalhou o negrinho com um chicote, e jogou-o como uma postado sangue dentro de um formigueiro. Passaram-se dois dias e duas noites. Na manhã do terceiro dia, o ordinário do fazendeiro, passando por perto do formigueiro onde tinha jogado o negrinho, foi dar uma espiada para ver como ele estava. Quase desmaiou quando viu o pobre negrinho vivo, de pé, lindo e sereno saindo de dentro do formigueiro e se encaminhando para a mata com sua madrinha. Nossa senhora, que o abençoava. Diz o povo que esse negrinho até hoje ainda existe por aí, pelos campos e caatingas. Uns dizem que ele se transformou no Saci, outros dizem que é a Caipora, e ainda tem muitas pessoas que julgam ser ele um anjo bom e generoso, porque é quem ajuda a achar e descobrir os animais e objetos perdidos nas matas. E assim o pobre negrinho, paga depois de morto, beneficiando aos outros, o que sofre durante toda sua vida. (DIDI, 2004, p. 78-82)

Comparando as duas versões percebe-se que ambas apresentam a relação autoritária entre senhores e escravos, o fazendeiro via o negrinho como objeto sem mero valor e escravo das suas vontades, podendo puni-lo e até tirar sua vida, ambas narrativas, visam discutir a oposição entre o bem e o mal e as consequências das escolhas de cada um.

Voltando ao conto de Mestre Didi, nele encontra-se aspectos do catolicismo popular, quando o negrinho é visto saindo de dentro do formigueiro e se encaminhando para a mata acompanhado de sua madrinha Nossa Senhora.

A saída gloriosa do negrinho do formigueiro no terceiro dia, faz referência a Jesus Cristo que foi condenado, torturado e morto, porém, no terceiro dia ele ressuscitou. O negrinho vivo lindo e sereno caminhando em direção a mata enfatiza a assunção gloriosa de Jesus ao céu.

Nossa Senhora, a madrinha do negrinho escravo que o defendeu no conto, também é conhecida por ser a padroeira do país que tem a maior população negra fora da África e por ser protetora dos escravos desde quando sua imagem foi encontrada, por três pescadores, e com “a libertação do escravo Zacarias que minutos antes de ser castigado pelo seu feitor foi a capela da santa rezar e no momento em que seria castigado as correntes se romperam, o feitor assustado deu a liberdade a Zacarias” (QUEIROZ, 2014).

Com tráfico de escravos para o Brasil, ao chegar em solo brasileiro os costumes, tradições e crenças dos povos africanos foram proibidas, com isso os negros procuravam formas de resistência, mantendo suas crenças e tradições. Uma das formas era cultuar os santos católicos, mas com fé e intenção nos seus santos, fazendo correspondência pelas cores das vestimentas e também pelos seus poderes e causas defendidas, por exemplo, Nossa Senhora, que aparece no conto de Mestre de Didi, cuidando do Negrinho do escravo, é comparada ao Orixá Oxum. Oxum é a grande mãe, deusa da fertilidade e das águas doces, a santa católica é considerada a mãe de Jesus e sua imagem foi encontrada no fundo de um rio.

Toda essa discussão nos leva, como quase tudo no Brasil, à questão da identidade que será sempre um contínuo de mistura e renovação, e nem sempre, é importante dizer, isso se dá de forma pacífica, como é o caso do Brasil que se deu de forma extremamente violenta. Desse modo, depreende-se que o conto de Mestre Didi reflete essa cultura brasileira resultado de um longo processo de contatos forçados que gerou a mistura de negros, índios e brancos.

3. Os paradigmas sociais presentes no conto

A escravidão no Brasil tem seu marco inicial por volta de 1530 com a implantação interventiva da colonização portuguesa, que inicia o processo de colonização com a mão de obra dos nativos brasileiros, com a exploração do pau-brasil e, logo após, substituído pelo tráfico de cerca de 4 milhões de negros africanos, “por isso nenhuma outra região americana esteve tão ligada ao continente africano por meio do tráfico como o Brasil” (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 39).

O conto “O negrinho escravo” (2004), de Mestre Didi, apesar de fictício faz referência à realidade escravagista, um longo período cruel e desumano que perdurou por mais de 300 anos. Bem no início do conto

podemos identificar um paradigma social relacionado ao poder do colonizador sobre o colonizado no seguinte trecho “um pobre e pequeno negrinho era escravo do rico e avaro fazendeiro” (DIDI, 2004, p 78).

A escravidão visava a exploração do trabalho em sua dinâmica e a justificativa utilizada pelo colonizador era a da inferioridade:

Através dos relatos literários, vê-se que o branco se colocava como na posição de herói, como se estivesse salvando aquele povo da própria ignorância, dividindo com ele (pequena) parte da sua sabedoria. (SIQUEIRA, 2014 p. 64)

Dessa forma, os negros eram tidos como subalternos e com o processo de alienação imposto aos escravizados, foram ensinados a crer que tudo que vinha do seu povo era ruim e demoníaco, como a sua cor, a sua cultura e religião, enfim fazia parte desse projeto de ensino que os negros eram desprovidos de inteligência e os europeus superiores.

Conforme Fanon debate na sua obra “Pele negra máscaras brancas” (2008), a respeito da relação entre o colonizador e o colonizado, a dominação ocorre quando as ideologias do dominador são inculcadas:

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasitado mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco ‘que eu sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso’ [...]. (FANON, 2008, p. 90)

O inculcamento dessas visões negativas nos negros e em toda a sociedade tem impacto nas construções de paradigmas sociais até hoje, não é difícil de ver construções do outro negro com adjetivos negativos ligados ao seu corpo ou seu comportamento, por isso, o processo de desalienação e conscientização é extremamente complexo e a literatura tem um papel fundamental para a construção e reconstrução da identidade Negra e ao mesmo de desconstrução de estereótipos ligados ao universo afrodescendente.

Outro ponto no conto que faz convergência com a realidade era a maneira que os escravizados eram tratados no processo de colonização, no conto “O negrinho cansado de tanto trabalhar adormeceu no campo enquanto as novilhas pastavam” (DIDI, 2004 p. 78)

A colônia portuguesa era extremamente dependente do tráfico humano, para que a exploração fosse bem-sucedida os negros sequestrados da África foram forçados a trabalhar duramente contra sua vontade,

sujeitos a condições desumanas, degradantes e uma exaustiva jornada de trabalho, trabalhando dia e noite e muito mais do que seus corpos poderiam suportar, sem nenhuma remuneração e uma vida digna. Essa ação gerou um alto índice de mortalidade infantil e uma baixa expectativa de vida, como também, violou os direitos humanos negando não apenas sua própria liberdade, bem como dignidade humana também. Diante de tal situação:

Logo percebiam que viver sob a escravidão significava submeter-se à condição de propriedade e, portanto, passíveis de serem leiloados, vendidos, comprados, permutados por outras mercadorias, doados e legados. Significava, sobretudo, ser submetido ao domínio de seus senhores e trabalhar de sol a sol nas mais diversas ocupações. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 65)

O negrinho escravo no conto de Mestre Didi, “foi pisado e espancado pelo fazendeiro “(...) o fazendeiro, louco de raiva, retalhou o negrinho com um chicote, e jogou-o como uma posta de sangue dentro de um formigueiro” (DIDI, 2004, p. 82). Na triste realidade colonial não era diferente, o Brasil é conhecido pelas mais perversas práticas violentas de torturas realizadas pelos feitores e proprietários de colônias ou impérios. Troncos, chibatadas, mutilação, estupro, torturas psicológicas são alguns exemplos. Como afirma Machado:

A violência exagerada dos senhores contra os escravos se dava, na maioria das vezes, por necessidade de exemplificação aos outros escravos e geralmente recaía sobre os cativos velhos e sem expressivo valor econômico. Até porque os senhores julgavam necessária a aplicação da justiça particular nos limites da fazenda, como espetáculos exemplares, visíveis aos outros cativos para prevenir prováveis crimes provocados pelos escravos. (MACHADO, 1987 p. 77)

Decorrente da herança escravagista existem vários modelos paradigmáticos da sociedade brasileira, a escravidão no Brasil trouxe inúmeras consequências presentes até os dias atuais. Com a falsa abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, a população negra mais uma vez estava submetida a condições precárias de vida. O governo brasileiro não realizou nenhuma medida reparatória dos crimes cometidos por mais de 300 anos no solo brasileiro. Os afrodescendentes vistos como seres inferiores, sem conseguirem integrar-se à sociedade, viram-se imersos numa profunda desigualdade social, com preconceitos e a presença do racismo, paradigmas que a população negra enfrenta até os dias atuais.

Por isso, pode-se caracterizar o Brasil colonial e imperial como uma sociedade escravista, e não apenas uma que possuía escravos. Podemos dizer também sociedade racista, na medida em que negros e mestiços, escravos, libertos e livres, eram tratados como “inferiores” aos brancos europeus ou

nascidos no Brasil. Assim, ao se criar o escravismo estava-se também criando simultaneamente o racismo. Dito de outra forma, a escravidão foi montada para a exploração econômica, ou de classe, mas ao mesmo tempo ela criou a opressão racial. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 68)

O conto de Mestre Didi traz uma história que foi passada de geração em geração, que faz referência à escravidão, já conhecida por todos, traz paradigmas sociais que tem impacto na vida dos afrodescendentes até os dias de hoje. Porém, o que o conto de Mestre Didi traz, também, é a redenção do negrinho do pastoreio através da santa católica Nossa Senhora que aparece como sua madrinha e protetora. Nesse sentido, as formas de resistência também residem em histórias como essa, nas quais os santos do catolicismo popular, que são comparados aos santos africanos trazidos pelo povo negro, povoam narrativas que são contadas e recontadas ao longo do tempo, o que só prova o caráter híbrido das identidades brasileiras.

4. *Considerações finais*

O conto “O negrinho escravo” (2004), de Mestre Didi é de fundamental importância para debater várias questões, desde a colonização, os paradigmas sociais advindos desse momento histórico e seus impactos na vida dos mais afetados por ela como os negros e índios. No conto é possível debater a questão da mistura de culturas e a questão da identidade, sempre se atentando para a forma violenta como se deu no período histórico escravocrata. A presença do catolicismo popular demonstra que em alguns momentos da história foi preciso se utilizar da cultura do branco para sobreviver, fazendo as comparações culturais a fim de não deixar morrer a sua própria fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra, FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. 3 de abr. de 2017.

CAVALCANTE, Bentes Ronaldo. *Catolicismo popular em Parintins: rupturas e permanência*. Núcleo do Conhecimento. 2019. Disponível em: <https://núcleodoconhecimento.com.br/história/catolicismo-popular>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

FANON. Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREITAS. Luiz Antônio. *Catolicismo Popular e Festas Religiosas: A Religiosidade no período colonial*. Natal: 2005. Disponível em: repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/426/1/catolicismo-popular-e-festas-religiosas-a-religiosidade-no-períodocolonial.pdf. Acesso em: 14 de agosto de 2021.

MACHADO. M. H. P. T. *Crime e escravidão: trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas (1830–1888)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NETO, J. Simões Lopes. *Contos gauchescos e lendas do sul*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1965.

SANTOS, Deoscoré des Maximiliano. *Mestre Didi*. Contos Crioulos da Bahia – Creole Tales of Bahia – Àkójopò Ìtàn Àtenudénu Ìran Omo Odùduwàni Ilè Bahia (Brasî): Salvador: Núcleo Cultural Níger Okàn, 2004.

QUEIROZ, Pe. Antônio. *O milagre da libertação de Zacarias*. A12, 2014. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/historias-de-vida/o-escravo-zacarias>. Acesso em 26 de agosto de 2021.

SIQUEIRA. Georgea Vale de Queiroz. *A relação colonizador x colonizado em as aventuras de ngunga*. Minas Gerais: UFGD, 2014.